

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE PLATÃO EM *REPÚBLICA V*

THE PLATO'S THEORY OF KNOWLEDGE IN REPUBLIC V

Otavino Candido de Paula Neto¹

Resumo: O que se pretende neste artigo é analisar as consequências de uma certa leitura de Platão baseada na chamada Teoria dos dois Mundos (Two Worlds Theory). Minha proposta é acompanhar a discussão desta questão que foi desenvolvida por Gail Fine em seu artigo *Knowledge and Belief in Republic V* (Fine, G., 2003, p. 66-84).

Palavras-chave: Conhecimento. Opinião. Crença. Formas. Platão.

Abstract: The aim of this article is to analyze the consequences of a certain reading of Plato based on the so-called theory of the two worlds (Two Worlds Theory). My proposal is to follow the discussion of this issue that has been developed by Gail Fine in his article *Knowledge and Belief in Republic V* (Fine, G., 2003, p. 66-84).

Keywords: Knowledge. Opinion. Belief. Forms. Plato.

I

A Teoria dos dois Mundos - Two Worlds Theory, que doravante chamarei TW acompanhando Gail Fine - é talvez a mais conhecida teoria sobre o pensamento platônico e entende que Platão admite a existência de dois mundos sobre os quais aplicam-se, ou podem aplicar-se, as instâncias humanas de inteligência e sensibilidade: o mundo das Formas ou Ideias, apreensível pela inteligência, e o mundo sensível, apreensível pelos sentidos. A TW afirma ainda que, das Formas, só é possível *conhecimento verdadeiro*, ou *ciência*; melhor, o *conhecimento* só é possível a partir das Formas ou por meio das Formas - por estas serem eternas e imutáveis - e que, do mundo sensível - por sua mutabilidade, corruptibilidade, variabilidade - somente é possível ter-se *crença* ou opinião. A TW exclui as possibilidades de ter-se ciência dos sensíveis e/ou crença das Formas. Quem contempla Formas tem conhecimento; quem apreende apenas sensíveis tem crença ou opinião. Pode-se dizer que quem possui conhecimento, possui conhecimento das Formas e não se pode ter conhecimento dos sensíveis; quem tem crença ou opinião contempla somente sensíveis e não se pode ter crença ou opinião das Formas.

¹ Doutorando em História da Filosofia Antiga do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP sob orientação do Prof. Dr. Mário Miranda Filho. E-mail: otavino@usp.br.

It is often said that Plato distinguishes knowledge and belief by reference to their objects, so that one can have knowledge, but not beliefs, about forms, and beliefs, but not knowledge, about sensibles. If I know, I can know only a form; and if I have a belief, it must be directed to sensibles. Call this the Two Worlds Theory (TW). (FINE, 2003, p. 66)²

Gail Fine vê problemas nessa teoria, já que em outros diálogos Platão admite conhecimento e/ou crença destes mesmos objetos – Formas e sensíveis -, ou seja, as possibilidades de conhecimento e crença de sensíveis, crença e conhecimento de Formas. Assim acontece, por exemplo, diz-nos a autora, no *Mênon* 98 a, no *Teeteto* 201 a-c e mesmo na *República* 520 c.

It is clear that Plato does not always subscribe to this view. Both at *Meno* 98 A and at *Theaetetus* 201 A-C he clearly allows knowledge and belief to be about the same objects; and he may also there allow knowledge of sensibles. Still, the theory of forms is not prominent in either of these dialogues, and so it might be argued that even if Plato did not always accept the Two Worlds Theory, he at least did so in the middle dialogues, especially in the *Republic*. Not even this claim is true as it stands: at *Republic* 520 C Plato says that the philosopher who redescends to the cave will have knowledge of the things there, and at 506 c he claims to have beliefs, but not knowledge, about the form of the good. (FINE, 2003, p. 66)

A questão que se nos apresenta é: como conciliar essa leitura TW de Platão - que toma como apoio principal o diálogo platônico considerado por muitos comentadores como o mais importante, a *República* (sobretudo *República* V 473 c 11 - 480 a 13), com aqueles outros diálogos? Como se podem evitar as contradições dessa leitura TW para o pensamento de Platão? É a isso que Gail Fine buscará responder em seu artigo e que analisarei aqui.

II

Em primeiro lugar, exporei a discussão que Platão promove, por meio de Sócrates, na *República* V 473 c 11 - 480 a 13 sobre esta questão, e sobre a necessidade

² Nesta mesma página, na nota 1 do artigo, a autora escreve que usa a palavra *belief* para traduzir a palavra grega *doxa*, mas que as palavras *opinion* e *judgement* são possíveis traduções para a mesma palavra grega. Na mesma nota, Fine esclarece que não nega que Platão admite, em vários diálogos, a existência de dois mundos – o mundo das Formas e o mundo sensível. O que ela contesta é a afirmação epistemológica de que das Formas só é possível conhecimento assim como dos sensíveis só é possível crença.

do conhecimento e, em seguida, debruçar-me-ei sobre o artigo de Fine.

Platão quer demonstrar a importância do conhecimento - como ele deve ser buscado e tornar-se possível - para aquele que deve governar a cidade ideal: o filósofo. Sócrates faz a famosa afirmação de que se não houver uma união entre a política e a filosofia, os males das cidades não desaparecerão e muito menos os males da humanidade. E essa união entre filosofia e política somente será possível se os verdadeiros filósofos governarem as cidades, ou se os que governam tornarem-se verdadeiros filósofos; os filósofos devem governá-las e comandá-las porque possuem o conhecimento da verdadeira justiça, necessária para bem governar. Aqueles que não possuem esse conhecimento devem ser afastados do governo sob pena de a humanidade perder-se.

Se os filósofos não forem reis nas cidades ou se os que hoje são chamados reis e soberanos não forem filósofos genuínos e capazes e se, numa mesma pessoa, não coincidirem poder político e filosofia e não for barrada agora, sob coerção, a caminhada das diversas naturezas que, em separado, buscam uma dessas duas metas, não é possível, caro Gláucon, que haja para as cidades uma trégua de males e, penso, nem para o gênero humano. (PLATÃO, 2006, p. 211-212)

Sócrates deverá, então, definir o filósofo que deve comandar a cidade (474 b 5 - c 3). O filósofo é inicialmente apresentado como aquele que tem prazer em possuir toda a ciência e não apenas uma parte dela (475 c). O interlocutor de Sócrates, Glauco, imagina encontrar filósofos também entre aqueles que amam os espetáculos porque estes buscam aprender e sentem prazer com isso. Sócrates o faz ver que estes são somente semelhantes aos filósofos; os verdadeiros filósofos são aqueles que contemplam a verdade (475 e 8). Os que amam os espetáculos, os que amam as artes e os homens de ação, argumenta Sócrates, são dominados pelos sentidos e sentem prazer com as belezas que esses sentidos lhes oferecem, mas sua inteligência é incapaz de contemplar o próprio belo do qual participam aquelas belezas que lhes aparecem pelos sentidos. O mesmo ocorre com as demais ideias - o justo e o injusto, o bem e o mal etc. - que em verdade, cada uma delas é uma, mas por aparecerem múltiplas devido à comunhão que mantêm com os corpos sensíveis, são percebidas como várias por aqueles que se deixam levar pelos sentidos e não pela inteligência. Tornam-se assim incapazes de perceber o próprio belo e de ligar-se a ele (476 a 5 - b 9). Esses vivem uma visão de sono, conclui Sócrates.

Ao contrário, os filósofos são capazes de contemplar, não apenas o próprio belo,

mas todas as coisas que dele participam e podem, assim, defini-lo ou, o que é o mesmo, conhecê-lo. Vivem, portanto, uma visão de vigília (476 c 12 - d 5). Aqui parece definirem-se conhecimento e crença ou opinião³: aquele que conhece, exprime um pensamento que lhe adveio da inteligência do próprio belo - ou da Forma do belo; quem tem uma crença exprime um (a)parecer seu - que lhe aparece ou é apreendido pelos sentidos (476 d 7-10).

Sócrates agora tentará mostrar - e convencer - àquele que tem uma crença, de que o que ele tem é, de fato, crença e não conhecimento. Quem conhece, conhece algo que existe, pois se não existisse, não poderia ser conhecido. Conhecimento se refere ao ser - o que existe - e ignorância se refere ao não-ser - o que não existe. De que, portanto, se ocupa a crença? Não se ocupa do ser, pois assim seria conhecimento e não crença. E também não se ocupa do não-ser, pois assim seria ignorância.

Mas, diz Sócrates, dizemos que a crença é alguma coisa. Ela produz um resultado, ou um algo, e também deve ter um objeto próprio. Ela é alguma coisa diferente do conhecimento e da ignorância. Devemos tentar encontrar algo que seja o meio-termo entre o ser - o conhecimento - e o não-ser - a ignorância -, para talvez encontrar aí o objeto da crença (477 a 12 - b 3).

Para isso, torna-se necessário distinguir as três capacidades: conhecimento, crença e ignorância. Essas capacidades são distinguidas de acordo com o objeto de que se ocupam, e também de acordo com o resultado de sua aplicação. Capacidades que possuem objetos diferentes, ou cujos resultados são diferentes, são, por isso mesmo, capacidades diferentes (477 c 7 - d 5).

Mostra-se, assim, que conhecimento e crença têm resultados diferentes, visto que o conhecimento é a capacidade de conhecer e produz conhecimento, enquanto a crença é a capacidade de crer e produz crença. Além disso - sabemos todos, diz Sócrates - o conhecimento é infalível e a crença é não-infalível. Está claro que conhecimento e crença são capacidades diferentes. Qual o objeto de cada uma? O objeto da ciência é o ser; conhecer sua essência. A crença não pode ocupar-se do não-ser, já que a ele é atribuída a ignorância. Ademais, parece claro que a opinião se ocupa de algo determinado e, portanto, não pode ser do não-ser que ela se ocupa, porque *nada* é o nome adequado ao não-ser.

³ As traduções brasileiras de Carlos Alberto Nunes (2000) e de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (2006) utilizam mais comumente o termo 'opinião' preferencialmente a 'crença'. No entanto, deve ficar claro que, aqui, como no texto de Gail Fine, eles são termos intercambiáveis.

Crença é diferente de conhecimento e de ignorância. O seu objeto não é o ser e também não é o não-ser. Não há crença nem sobre o ser nem sobre o não-ser. Ela é menos eficiente - mais obscura - que o conhecimento, porém mais luminosa que a ignorância. Ela ocupa, então, o meio-termo entre o conhecimento e a ignorância. O seu objeto está entre o ser e o não-ser. O que será ele? Como será ele? É o que resta a descobrir: qual o objeto da crença? (478 a - e).

A identificação do objeto da crença é realizada pelo método socrático chamado elêntico. Pergunta-se aos amantes de espetáculos, se entre as numerosas coisas belas, haverá uma que não venha a mostrar-se feia, ou entre as justas, uma que não venha a parecer injusta. A resposta fornecida por Glauco, que ocupa na argumentação o lugar dos amantes de espetáculos, é que cada uma delas ora aparece bela ora feia, ora justa ora injusta, ora santa ora ímpia (479 a - b).

Essas numerosas coisas que ora são ora não-são, ora mostram-se ser ora não-ser; essas coisas que rodam entre o ser e o não-ser devem ser colocadas como objetos da crença. A crença é, portanto, uma faculdade intermediária entre o conhecimento e a ignorância. Assim, aqueles que veem essas numerosas coisas justas, mas não o justo em si, têm crença mas não conhecimento e, como restou demonstrado, crer não é o mesmo que conhecer, pois está baseado naquilo que ora é ora não-é (479 e 1-6).

O filósofo é aquele que ama o ser e não se deixa enganar pelos sentidos - é detentor, portanto, de conhecimento - enquanto os filodóxicos são aqueles que amam a opinião ou se deixam envolver pelos sentidos - têm, portanto, crença.

III

Em seu artigo *Knowledge and Belief in Republic V* Gail Fine aceita a primeira tese da TW. Há no pensamento de Platão a admissão de dois mundos: o mundo das Formas e o mundo sensível. Rejeita, porém, a segunda tese daquela teoria, de que Platão argumente no sentido de que há conhecimento somente das Formas e que relativamente aos sensíveis não é possível obter conhecimento mas tão-somente crença ou opinião.

By 'the Two Worlds Theory' I do not mean only the thesis that there are forms as well as sensibles (a thesis I do not dispute) but especially the epistemological claim that there is knowledge only of forms and belief only about sensibles (a claim I shall dispute). I use 'belief' merely as a counter for *doxa*; 'opinion' or 'judgment' are equally possible translations. (FINE, 2003, n. 1, p. 66)

Fine afirma que é possível ler a passagem da *República* 473c11-480a13, que analisamos acima, como apoio a TW. Porém, isso contradiria Platão em outros de seus diálogos – por exemplo, *Mênon* 98 a e *Teeteto* 201 a-c, citados acima -, além de ser um argumento ruim. A autora proporá então uma leitura alternativa daquele texto. Leitura essa que, segundo ela, evitará as contradições de TW e, mais, prescindirá de TW.

A crucial passage often adduced in support of this view occurs at the end of *Republic V* (473 c 11-480 a 13), Plato's only lengthy attempt to distinguish knowledge from belief, and it is that passage I shall discuss in what follows. I do not deny that the text can be read so as to support TW. But if it is, it not only contradicts Plato's explicit claims elsewhere, but also is a very bad argument. Plato might, of course, have offered us such an argument. But if we can find a better argument consistent with the text, we should prefer it, and I think such a better reading is available. The best argument consistent with the text, however, fails to support TW. (FINE, 2003, p. 67)

Fine pretende conciliar as teses da *República* com outros textos de Platão ao mostrar que, também na *República*, ele não diz que é impossível conhecimento de sensíveis ou crença de Formas. Na *República*, o que ele faz é argumentar, de maneira fraca, que para conhecer é preciso conhecer Formas e que, com base apenas nos sensíveis, não se pode alcançar o conhecimento.

I shall argue that although Plato in some way correlates knowledge with forms, and belief with sensibles, he does not say that there is knowledge only of forms or belief only about sensibles. All he argues is the weaker claim that to know, one must, first of all, know forms; restricted to sensibles, one cannot achieve knowledge. (FINE, 2003, p. 67)

O conhecimento começa com as Formas, mas a possibilidade de ter-se crença delas e conhecimento dos sensíveis não está totalmente descartada, é o que Fine pretende mostrar: “This makes forms the primary objects of knowledge, but not necessarily the only ones; knowledge begins, but need not end, with knowledge of forms. This also leaves open the possibility of having only beliefs, and not knowledge, about forms” (FINE, 2003, p. 67).

O argumento de Platão, diz Fine, está embasado no significado do verbo ser (*esti*). Como vimos, Platão correlaciona conhecimento com o que *é*, crença ou opinião com o que *é* e *não-é* e ignorância com o que *não-é*. Ele explica que os filósofos têm o conhecimento que lhes advém da inteligência das Formas e os amantes das artes e

espetáculos têm apenas crença, alcançada pela apreensão dos sensíveis: “He [...] concludes that only those who know forms have knowledge at all; the sightlovers, who are restricted to the world revealed by their senses, can at best have belief” (FINE, 2003, p. 68).

Fine observa ainda que Platão faz três usos do verbo *esti*: (a) o existencial (é-e), quem quer que conheça, conhece alguma coisa que existe; (b) o predicativo (é-p), quem quer que conheça, conhece alguma coisa que é (realmente) F; e (c) o verídico (é-v), quem quer que conheça, conhece alguma coisa que é verdadeira: “Three of its standard uses, [...] are (a) the existential (*is-e*), (b) the predicative (*is-p*), and (c) the veridical (*is-v*)” (FINE, 2003, p. 69).

A interpretação TW da *República* pensa que Platão faz uso dos modos *a* (que Fine denomina DE) ou *b* (denominada DR) de *esti*. O modo *a* dirá que *conhecimento* é sobre o que existe; *crença* é sobre o que existe e não existe ou existe pela metade; e *ignorância* é sobre o que não existe. De seu lado o modo *b* diz que *conhecimento* é sobre o que é realmente F; *crença* é sobre o que é F e não-F; e *ignorância* é sobre o que não é F.

TW has focused on *is-e* and *is-p*, yielding a degrees-of-existence (DE) and a degrees-of-reality (DR) interpretation. For DE, the claim is that knowledge is of what exists, that belief is of what half exists or what both exists and does not exist, and that ignorance is of what does not anything at all. For DR, knowledge is of what is really F (for some predicate F), belief is of what is F and not F, and ignorance is of what is not F. (FINE, 2003, p. 69-70)

Para Fine, essas interpretações fornecem premissas inapropriadas ao pensamento de Platão, pois o que significa dizer que algo está no domínio do ‘meio-existente’ ou existe pela metade, e o que impede que esse algo, ao vir a ser, não possa ser conhecido ou acreditado? Ao separarem os objetos de crença e conhecimento, essas interpretações possibilitariam a violação do princípio de não-contradição. Por que só se pode conhecer o que é totalmente F e não também o que é F e não F? Os amantes de espetáculos podem ver que muitos dos objetos que eles admiram são belos e, ao mesmo tempo, não belos! O que me impede de saber de uma ação qualquer que ela é justa e, ao mesmo tempo, não justa?⁴.

⁴ No início da *República* – 331c -, por exemplo, Sócrates faz ver a Céfalo, que a ação de devolver uma arma que pertence a um amigo, que havia pedido para guardá-la, pode ser vista como justa e injusta ao mesmo tempo. Por um lado, será uma ação justa porque é justo devolver algo que não lhe pertence ou que pertence a outra pessoa. Por outro lado, a ação será injusta se o amigo a quem a arma pertence tiver

Although they are possible readings of the text, both DE and DR provide inappropriate starting premisses, by violating the condition of noncontroversiality. DE sharply separates the objects of knowledge and belief, and consigns the objects of belief to the realm of ‘half-existent’. Even though no specific objects are so construed at this stage, it would be inappropriate to assume that whatever the relevant objects turn out to be, they cannot be both known and believed, or that they merely half exist. [...] At least, as we shall see, the sightlovers agree that their objects of concern, the many beautifuls, for example, are beautiful and not beautiful. [...] Moreover, if we take (3)⁵ to mean that whoever knows knows only what is fully F, and not also what is F and not F, then it violates the condition of noncontroversiality. For why can I not know of a particular action, for example, that is just and not just? There is no intuitive reason for the sightlovers to accept this claim. DR, like DE, provides Plato with inappropriate starting premisses. (FINE, 2003, p. 70)

Fine propõe então uma interpretação focada em é-v que ela denominará de leitura T: conhecimento é do que é verdadeiro; crença é do que é e não é verdadeiro; e ignorância é do que é falso. Essa interpretação não força uma separação dos objetos de cada capacidade mas somente dos seus conteúdos. O conteúdo do conhecimento é somente a verdade, os conteúdos da crença são a verdade e a falsidade e o conteúdo da ignorância é o falso. Assim, não necessitaríamos de TW, pois, embora as consequências de conhecimento e crença difiram, podemos afirmar indistintamente de seus objetos que eles são conhecidos ou cridos.

Readings focusing on is-v are more promising. Plato’s claim is then that knowledge is of what is true, that belief is of what is and is not true, and that ignorance is of what is false. [...] And unlike DE and DR, this claim does not force a separation of the objects of knowledge and belief, but only of their contents. But this claim does not imply TW: although knowledge and belief differ in their truth implications, the claims that are known or believed can be directed to the same objects. (FINE, 2003, p. 70)

Esta interpretação, diz ela, permite que haja crenças ou opiniões verdadeiras e falsas, e também que a mesma proposição possa ser conteúdo de conhecimento e de crença. Nem toda proposição pode ser objeto somente de conhecimento ou somente de crença. É possível ter conhecimento sobre uma proposição a respeito da qual alguém tem apenas crença.

enlouquecido.

⁵ “(3) What completely is is completely knowable; what in no way is is in no way knowable (477 a 2-4)” (FINE, 2003, p. 68).

It allows false as well as true beliefs (*Grg.* 454 d), and it allows that the same proposition can be the content of belief and of knowledge - at least not all propositions are such that they can be only believed or only know, for you might know a proposition about which I have only belief (*Meno* 97 a-98 b; *Tht.* 201 a-c). (FINE, 2003, p. 71)

A interpretação T proposta por Fine evita as contradições observadas nas leituras *a* e *b*, ou, como ela as denomina DE e DR. Agora, a *República* está de acordo com outros textos de Platão. A distinção conhecimento-crença não mais é feita pelos objetos aos quais cada uma se aplica, mas sim pelos seus conteúdos ou ‘pelas verdadeiras consequências de seus conteúdos’.

T is the most intuitively plausible of the suggested readings, [...] I do not claim that T is ever required; but I do claim that it is a possible reading of the text, and that it provides Plato with a more plausible argument than do any of the proposed alternatives. But in providing Plato with a plausible argument, we also avoid TW. For Plato now distinguishes knowledge and belief not by reference to their objects, but by reference to the truth implications of their contents. This need not rule every version of TW; Plato might claim that the contents of knowledge and belief are always about different objects. But the argument he presents here, [...] neither requires nor suggests any version of TW. (FINE, 2003, p. 71)

Na conclusão de seu artigo, Fine (2003, p. 77-84) considera que a parte final da *República* V (478 e-480 a) levanta sérios problemas para a sua interpretação T da argumentação de Platão. É nesse período que Platão buscará encontrar aquilo que participa do que é e do que não-é e que, por isso, seria o objeto da crença. Para Fine, Platão aí parece estar mais interessado em objetos que em conteúdos o que coloca em xeque a sua interpretação e retoma a interpretação TW.

A saída para esse problema Fine encontra em *República* V, 479 d 3-5 onde Platão diz que ‘os muitos *nomima* de muitas pessoas sobre a beleza e sobre o resto rola entre o que não-é e o que é plenamente’ (FINE, 2003, p. 78). Na nota 21 de seu texto, Fine explica que “muitos tradutores usam é-v para traduzir ‘*nomima*’ aqui: ‘crenças’ (Bloom), ‘opiniões convencionais’ (H. D. P. Lee, G. M. A. Grube), ‘noções convencionais’ (F. M. Cornford). J. Adam diz que *nomima* se refere a ‘cânon populares ou opinião’” (FINE, 2003, p. 80-81). Acrescento que Anna Lia traduz *nomina* por *normas*, Carlos Alberto Nunes por *ideias* e Émile Chambry por *idées*. Não são portanto os *objetos* que estão entre o ser e o não-ser mas os *nomima* (conteúdos) de diversas pessoas.

Disso Fine conclui que os *nomima* dos amantes de espetáculos constituem-se em crenças porque baseadas em características observáveis (sensíveis), e é essa base que os impede de ter conhecimento. O conhecimento somente pode ser alcançado se se ultrapassar esses sensíveis e se atingir as Formas.

The sightlovers do not acknowledge forms; all their accounts or explanations of beauty, justice, and the like, are phrased in terms of sensibles. They define beauty, for example, as the brightly coloured; their accounts refer to and are based on such observable properties. [...] The connection between is-p and is-v is then this: reliance on observable properties that are F and not F (is-p) issues in the unsatisfactory *nomina* (is-v); the *nomina* are based on observable properties, and that basis prevents them from being knowledgeable accounts. (FINE, 2003, p. 81)

Assim, Platão argumentaria que os *nomima* não são conteúdo de conhecimento porque eles não são verdadeiros e conhecimento implica verdade; mas embora falsos, eles tampouco são conteúdos de ignorância, pois eles não são totalmente falsos.

Plato's claim, then, is that *nomina* are not contents of knowledge, since they are not true and knowledge implies truth; but although false, they are not contents of ignorance either, for they are not totally false. (FINE, 2003, p. 83)

Os *nomima*, assim considerados, são, portanto, aquilo que está entre o ser e o não-ser e é, por isso, objeto da crença porque baseado em sensíveis.

IV

Fine termina seu artigo afirmando que sua interpretação T rearruma o pensamento de Platão rejeitando a interpretação TW de que somente é possível conhecimento de Formas e crença dos sensíveis. Sua interpretação retira toda contradição entre os textos de Platão e mostra que é possível, como Platão afirma noutros lugares, também conhecimento de sensíveis e crença de Formas.

Parece claro que - para tomar apenas a *República V* (476 c 12-d 5; 520 c) - Platão admite o conhecimento também de sensíveis por parte do filósofo que conhece as Formas e sabe que os sensíveis participam delas. Mas não me parece que Fine tenha dado conta plenamente de mostrar nesse artigo como é possível ter crença das Formas. Sobre isso ela cita a passagem 506 c da *República*. Ali Platão diz que alguns “têm uma opinião verdadeira embora não tenham inteligência” das Formas (PLATÃO, 2006, p.

256). Parece que cabe então dizer que é possível crença das Formas. Mas como?

Arrisco uma modesta explicação. Segundo Platão, os sensíveis participam das Formas. As Formas estão, de alguma maneira, em comunhão com os sensíveis; elas lhes dão o seu ser ou sua realidade. Daí a ontologia ou metafísica de Platão que será desenvolvida nos Livros VI e VII. Porque as Formas estão “presentes” nos sensíveis é possível ter delas opinião ou crença verdadeira sem sua inteligência ou conhecimento. Escreve Platão:

Quem aceita a existência de coisas belas, porém nem acredita que possa existir a beleza em si mesma, nem admitiria que o levassem até esse conhecimento, és de opinião que vive a sonhar ou que esteja acordado? Reflete um pouco: Sonhar, para alguém, quer esteja dormindo, quer esteja desperto, não consiste em tomar a imagem de alguma coisa, não pelo que ela é como imagem, mas pela própria coisa com a qual ela se parece?

Eu, pelo menos, respondeu, direi que um indivíduo nessas condições está sonhando.

E agora: quem, ao contrário disso, admite a existência do belo em si e se mostra capaz de contemplá-lo, *assim como as coisas que dele participam, sem jamais confundir umas com as outras*, como te parece que viva: sonhando ou acordado?

Bem acordado, respondeu.

Por tudo isso, não estaremos certos em dar o nome de conhecimento ao pensamento do indivíduo que conhece, e o de opinião ao que simplesmente conjectura?

Perfeitamente. (Platão, 2000, 476c-d, grifo meu)

Assim, podemos dizer que a crença ou opinião é a incapacidade de distinguir entre a Forma e as coisas que dela participa. Toma-se o que participa da Forma como se fosse a própria Forma e, assim, tem-se meramente crença ou opinião, tanto das Formas como dos sensíveis. Crença da Forma é o que Platão chama “opinião verdadeira sem ciência”. É uma crença da Forma, porque não revela sua essência ou o seu verdadeiro ser; e é crença daquilo que participa da Forma, porque toma-se esse aparecer – esse sensível - como a verdade. É por isso que Platão chama a crença da Forma de opinião sem ciência. Ela está entre o ser e o não-ser. Porém, como diz Platão: “... as opiniões sem ciência são, todas elas, uma vergonha [...] as melhores entre elas são cegas”. Não há nenhuma diferença “entre cegos que acertam com o caminho e quem forma opinião verdadeira de alguma coisa, porém, sem dispor da inteligência dessa coisa” (PLATÃO, 2000, VI, 506c).

Referências

- FINE, G. *Plato on Knowledge and Forms: selected essays*, Clarendon Press: Oxford University Press, Oxford, 2003.
- PLATÃO. *A República [ou Sobre a justiça, diálogo platônico]*, trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado, Martins Fontes, São Paulo, 2006.
- _____. *A República* (ou: sobre a Justiça. Gênero Político), trad. Carlos Alberto Nunes, Editora Universitária UFPA, Belém, 2000.
- _____. *Oeuvres Complètes*, Tome VII. – 1^a. Partie, La République, Livres IV-VII, Texte Établi et Traduit par Émile Chambry, Société d'édition "Les Belles Lettres", Paris, 1933.